

Prudência e amor: uma hermenêutica da “prudencia” tomista

PE. JOÃO BAPTISTA MEZZALIRA¹

Resumo

Analisando a relação intrínseca entre a prudência e o amor na construção de um agir excelente, desponta uma hipótese de leitura da moral tomista, que apresenta uma perspectiva sobre as virtudes na qual se evoca o influxo da dimensão afetiva na dinâmica da ação humana. Assim, sem negligenciar o papel específico do apetite reto na configuração do saber prudencial, verifica-se o modo em que a pessoa humana torna-se capaz de decidir e agir nas situações concretas. Incorpora-se também uma abertura à integração teológica da prudência cristã compreendida como expansão da caridade, que ilumina o caminho do homem virtuoso graças à ação do Espírito Santo, de modo peculiar mediante o dom do conselho.

Palavras-chave

Conhecimento moral. Virtudes. Prudência e consciência. Espírito Santo no agir humano. Moral tomista.

Abstract

In the analysis of the relation between prudence and love in building of an excellent acting, a certain interpretation of thomistic ethics emerges, displaying a perspective on virtues which evokes the influence of the affective dimension on the dynamics of human action. Consequently, without neglecting the specific role of the right appetite in the configuration of prudential knowledge, it's possible to verify the way in which the human person is able to take decisions and to act in concrete situations. That also supports an openness in the theological integration of christian prudence, understood as an extension of charity, in which the path of the virtuous man is illumined thanks to the action of the Holy Spirit, in a peculiar way by the gift of counsel.

Keywords

Moral knowledge. Virtues. Prudence and conscience. Holy Spirit in human acting. Thomistic moral.

¹ Mestre em Teologia Moral com especialização em Matrimônio e Família pelo Istituto Giovanni Paolo II junto à Pontificia Università Lateranense, Roma. E-mail: jbabmezzalira@hotmail.com

1 APROXIMAÇÃO DA TEMÁTICA

“Sempre sei, realmente. Só o que eu quis, todo o tempo, o que eu pelejei para achar, era uma só coisa – a inteira – cujo significado e vislumbrado dela eu vejo que sempre tive. A que era: que existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver – e essa pauta cada um tem – mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar; como é que sozinho, por si, alguém ia poder encontrar e saber? Mas, esse norteado, tem. Tem que ter. Se não, a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doideira que é. E que: para cada dia, e cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser a certa”². Neste trecho de *Grande Sertão: Veredas*, pérola da literatura brasileira, nota-se uma franca reflexão do jagunço Riobaldo, numa linguagem que ultrapassa limites prosaicos e adquire toda uma dimensão filosófica acerca da vida moral. Trata-se de uma sabedoria popular que espontaneamente aprecia o conhecimento da realidade vinculado às aspirações profundas do homem, graças a uma luz interior que guia suas decisões, na ordem das experiências concretas. Como explicar este vínculo?

Eis que desponta o impulso desta análise, que procurará investigar como na base das dimensões intelectivas e afetivas da pessoa humana, existe uma dinâmica de amor que atua no processo de racionalidade prática, em conformidade com a luz da virtude da prudência, que se revela como condição de possibilidade para um agir excelente. No âmbito da teologia moral, constata-se como a fecundidade da doutrina de São Tomás de Aquino oferece toda uma síntese que inter-relaciona o caráter virtuoso à afetividade na configuração da ação humana que inspira a presente reflexão. Entretanto, percebe-se que as diversas interpretações da teoria tomista, ainda que eficazes na demarcação sistemática de certos dados, nem sempre atingem com precisão o modo em que a vinculação entre os elementos da ação virtuosa e os princípios afetivos

2 GUIMARÃES ROSA, J. *Grande Sertão: Veredas*. 33. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 427. Publicado em 1956, este romance se constrói como uma longa narrativa repleta de oralidades e aforismos, na qual o personagem-narrador Riobaldo relata suas peripécias como valente jagunço do sertão do Brasil, manifestando suas inquietações acerca da vida.

constitui um componente inexorável do sistema elaborado pelo Aquinate³. Destarte, a pergunta que se impõe surge com maior nitidez: *como compreender a relação entre a virtude da prudência e a paixão principal de toda vida moral, que é o amor?*

Antes de tudo, torna-se conveniente para o delineamento da investigação um breve aceno no que se refere a algumas clarificações terminológicas. Primeiramente, nota-se uma confusão de ordem semântica no uso do termo “prudência”, que hoje em dia comumente vem aplicado à pessoa astuta, que consegue controlar-se, sendo cautelosa e capaz de calcular os “prós” e os “contras” consequentes às suas ações⁴. Tal caricatura, distante da *phronesis* aristotélica e da *prudentia* tomista, não chega a refletir o caráter de aperfeiçoamento da razão prática, aqui redescoberto como constituição virtuosa do homem prudente. Efetivamente, no decurso de suas ações, o homem configura a sua vida mediante decisões que são sempre concretas e particulares – que pressupõem um conhecimento não de tipo universal, mas sim um conhecimento prático, precisamente circunstanciado. Daqui se explicita o desempenho da virtude intelectual-moral da prudência, que ilumina o exercício da inteligência e da vontade da pessoa, capacitando-a na determinação dos meios concretos em cada um dos atos humanos, que percorrem a via oportuna para o consequimento da sua realização última⁵.

Outro esclarecimento que se faz necessário é a distinção entre o que se evoca como “amor” e a virtude da caridade: *amor* aqui é entendido não como mero sentimento ou emoção, mas como uma paixão que nasce de um impacto afetivo com a realidade, um “outro” que afeta o sujeito impulsionando uma

3 Sobre a relação entre amor e razão na construção do ato humano, para uma proposta de linhas mais precisas de superação seja do racionalismo (que exclui o amor da dinâmica moral), como também do emotivismo (que isola cada experiência singular em si mesma), veja-se Pérez-Soba e Granados (2008).

4 MELINA, L.; NORIEGA, J; PÉREZ-SOBA, J. J. *Camminare nella luce dell'amore: i fondamenti della morale cristiana*. Siena: Cantagalli, 2008. p. 350.

5 NASCIMENTO, C. A. R. A prudência segundo Santo Tomás de Aquino. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 20, 1993, p. 365-383; ABBÀ, G. *Lex et virtus: studi sull'evoluzione della dottrina morale di San Tommaso d'Aquino*. Roma: LAS, 1983. p. 196-222; WESTBERG, D. *Right practical reason: Aristotle, action and prudence in Aquinas*. Oxford: Clarendon Press, 1994. p. 187-228.

resposta que se dá por meio de uma escolha, um ato da vontade (um querer o bem de outro através de bens singulares, segundo uma ordem amorosa); enquanto que a *caritas* não é somente uma capacidade humana, mas uma virtude infusa, um dom sobrenatural que vem do Espírito Santo, que permite a realização da verdade do amor (pois assume o amor aperfeiçoando-o)⁶.

Assim sendo, projeta-se a luz de uma visão renovada da virtude da prudência, numa interpretação que ressoa o pensamento do Doutor Angélico, envolvendo a categoria fundamental do amor no interior da experiência cognoscitiva, sintonizada com toda a sua dimensão afetiva. Recolhendo os vários elementos que abrem uma estrada rumo à exploração da relação entre prudência e amor, localiza-se o caráter histórico e a dimensão relacional da prudência, arraigada no amor enquanto que acontecimento, por sua vez fonte de conhecimento. De tal modo, introduz-se o elemento teológico da prudência no regime da caridade, o que evidencia o papel decisivo do Espírito Santo no dinamismo do agir humano (em particular no que concerne à instrução mediante o dom do conselho).

Logo, convém clarificar o que se encontra à raiz do discernimento prudencial, a fim de plasmar desde tais noções a novidade da prudência cristã, compreendida como expansão da caridade. Na realidade, trata-se de uma tentativa de ilustrar o argumento paulino: “E é isto o que peço: que vosso amor cresça cada vez mais, em conhecimento e em sensibilidade, a fim de poderdes discernir o que é importante, para que sejais puros e irreprováveis no dia de Cristo, na plena maturidade do fruto da justiça que nos vem por Jesus Cristo para a glória e o louvor de Deus” (Carta aos Filipenses 1, 9 – 11).

2 A PRUDÊNCIA NO HORIZONTE DO AMOR E DAS VIRTUDES

Afronta-se uma reflexão acerca dos elementos que, como condição de possibilidade para um bem compreendido “conhecimento amoroso”, configuram

6 PÉREZ-SOBA, J.J. *El amor: introducción a um mistério*. Madrid: BAC, 2011; WADELL, P.J. *The primacy of love: an introduction to the ethics of Thomas Aquinas*. New York: Paulist Press, 1992.

a dinâmica de um agir humano iluminado pelas virtudes. Trata-se de recolher estes elementos aprofundando a visão do amor como fonte de conhecimento moral, o que promove os indícios de todo um caminho a ser trilhado.

Presume-se que algumas observações alusivas a recentes interpretações sobre a *prudentia* tomista resultam convenientes, tanto no que se refere à valorização dos argumentos que evidenciam a dimensão cognoscitiva do amor, quanto no que diz respeito à necessária retificação de alguns aspectos que se distanciam do pensamento original de São Tomás de Aquino. Nesta perspectiva, apresenta-se um roteiro sintético que procura indicar passagens determinantes desta estrada que se abre, favorecendo uma visão mais integrada do amor e das virtudes, em consonância com a temática do conhecimento “por conaturalidade”, da verdade prática e da articulação entre lei e virtude.

2.1 DINAMISMO VIRTUOSO E CONHECIMENTO “POR CONATURALIDADE”

Em que sentido pode-se dizer que existe um conhecimento de tipo amoroso? O amor efetivamente ajuda a conhecer? Quando São Tomás fala de “*cognitio per connaturalitatem*”, pressupõe-se que a conaturalidade ou inclinações do sujeito moral vêm atribuídas à dimensão do *appetitus* – o que implica o crédito de uma função cognoscitiva própria da potência apetitiva que intervém no dinamismo do conhecimento moral⁷. Entretanto, a afetividade humana somente não é alheia à razão na medida em que a disposição interior do sujeito, uma vez vivificada pela recíproca interdependência entre a prudência e as virtudes morais⁸, cria uma ordem na reação afetiva que ilumina o seu agir. Na realidade, a conexão das virtudes ilumina a razão prática de tal modo, que o sujeito agente tem a sua racionalidade permeada de afetividade⁹. O importante é compreender como a virtude seja o resultado de um afeto plasmado, integrado, ordenado pela razão. Assim, estima-se como o sistema

7 D'AVENIA, M. *La conoscenza per connaturalità in S. Tommaso d'Aquino*. Bologna: Studio Domenicano, 1992. p. 107-120.

8 “*Et ideo ad rectam rationem agibilium, quae est prudentia, requiritur quod homo habeat virtutem moralem*” (TOMÁS, DE AQUINO, Santo, 1888-1903, I-II, q. 58, a. 5).

9 NORIEGA, J. Lo Spirito Santo e l'azione umana. In: MELINA, L.; NORIEGA, J. (a cura di). *Domanda sul bene e domanda su Dio*. Roma: Mursia, 1999. p. 233-247.

apetitivo não é eliminado, mas ao contrário, vem colocado no centro mesmo da ação, como um critério decisivo para um agir excelente.

Sem incorrer numa visão sobre a prudência que refreie a originalidade da razão prática (o que ocorre com S. Ramírez)¹⁰, ratifica-se que o amor cria uma conaturalidade afetiva que é luz para o discernimento prudencial. Com esta mediação cognoscitiva da afetividade, vislumbram-se os fins intuitivamente revelados pelo amor, que por sua vez molda o processo deliberativo da prudência frente aos meios mais oportunos e eficazes, para que sejam alcançados os bens verdadeiros – eis como o afeto torna-se uma luz para o agir!

2.2 O PAPEL DAS DISPOSIÇÕES AFETIVAS DO SUJEITO MORAL NO CONHECIMENTO DA VERDADE PRÁTICA

De acordo com São Tomás, o primeiro ato da racionalidade prática é a descoberta da verdade sobre o fim último do homem¹¹. Sabe-se também que o bem não aparece como bem à razão puramente especulativa, mas propriamente à razão prática, que pressupõe uma conformidade da ação com a vontade reta do sujeito que age¹². Eis porque constata-se que o aperfeiçoamento da razão prática é uma luz intrínseca à *práxis*, que guia o homem rumo ao bem autêntico. Neste sentido, a prudência apresenta-se como uma virtude mista (tanto intelectual quanto moral), porque predispõe por conaturalidade o sujeito a conhecer a verdade moral sobre as realidades contingentes e particulares do agir, atualizando sobre as mesmas uma direção eficaz.

É patente aqui a diferença de procedimento da virtude da prudência com relação à consciência, que aplica a norma universal aos casos emblemáticos, colocando o particular concreto na especificação pré-constituída por tais casos. Ao contrário, a prudência colhe o particular concreto na sua peculiaridade,

10 Pensador espanhol neoescolástico, Ramírez (1975, p. 67) descuidadamente sugere que a prudência é mais intelectual do que moral, enfatizando que é formalmente intelectual e apenas materialmente moral, no sentido de que só aplica os princípios da razão prática à matéria moral.

11 TOMÁS, DE AQUINO, Santo. *Summa theologiae*, 1888-1903, I-II, q. 3.

12 MELINA, L. *Cristo e il dinamismo dell'agire: linee di rinnovamento della teologia morale fondamentale*. Roma: PUL-Mursia, 2001. p. 136-137.

iluminando a partir do interior o seu significado essencial. A confusão entre prudência e consciência (como acontece no pensamento do alemão J. Pieper)¹³ explicita um tipo de intelectualismo que acaba deteriorando o papel específico da afetividade no conhecimento da verdade.

Em contrapartida, o Doutor Angélico claramente distingue a atividade da prudência (que inclui a aplicação do conhecimento na dimensão afetiva) do juízo de consciência (tratando-se de um conhecimento puramente especulativo)¹⁴. De fato, não obstante no exercício de um juízo de consciência, possa acontecer que o sujeito moral encontre-se no erro; no caso do homem prudente, não pode haver incoerência para com a verdade sobre o bem¹⁵. É assim que se compreende como por meio das virtudes, o homem atinge o pleno conhecimento da verdade sobre o bem a ser realizado, em modo tal que o virtuoso torna-se uma medida moral para os demais¹⁶. Por conseguinte, longe de ser meramente uma questão de inteligência, a percepção da verdade torna-se acessível graças à complexa disposição virtuosa do sujeito moral.

2.3 A ARTICULAÇÃO ENTRE A PRUDÊNCIA E AS NORMAS MORAIS

É indubitável o fato de que a ética tomista, na sua fecundidade hermenêutica, propõe a superação de um conceito “preceitualístico” da lei, em favor de uma visão mais dinâmica, orientada pelas virtudes, que guia o homem na redescoberta do caminho da perfeição traçado por Deus e iluminado pelas normas morais. Destarte, o princípio geral que comanda a relação entre lei e

13 Para um dos textos mais explícitos sobre a temática da identificação da prudência com a consciência, veja-se Pieper (1960, p. 21): “Esta originária e fundamental cognoscibilidade da prudência encontra-se de resto confirmada na significação etimológica direta, tanto da palavra alemã *Ge-wissen* como da latina *con-scientia*; consciência e prudência, como já dissemos, significam em rigoroso sentido a mesma coisa”.

14 “Differt autem iudicium conscientiae et liberi arbitrii, quia iudicium conscientiae consistit in pura cognitione, iudicium autem liberi arbitrii in applicatione cognitionis ad affectionem”. (TOMÁS, DE AQUINO, Santo, 1992, q. 17, a. 1, ad 4).

15 MELINA, L. La prudenza secondo Tommaso d’Aquino. *Aquinas*, Roma, n. 49, 2006, p. 381-393.

16 ARISTOTELES. *Ethica Nicomachea*, I, 6, 1139a 30. Sobre este tema da referência às virtudes, confira-se PÉREZ-SOBA, (2011, p. 74-79).

virtude aponta que a lei serve para tornar o homem bom, guiando-o à virtude¹⁷ – por isso, ainda que a lei mantenha certo caráter de exterioridade, ao mesmo tempo ela vem reconhecida na sua intrínseca racionalidade, tendo em vista a condução dos homens às virtudes¹⁸.

A dificuldade surge quando a afirmação do primado da virtude sobre a norma é mal interpretada, como se não fosse possível uma integração entre o saber prudencial e a ciência moral¹⁹. De fato, a partir do momento em que se contrapõe a prudência aos princípios da lei natural (como sugere a teoria do americano D.M. Nelson)²⁰ em favor de uma suposta “autonomia” do indivíduo em suas decisões, precipita-se num tipo de relativismo ou subjetivismo que seguramente não correspondem à tradição tomista²¹. Ao contrário, o pensamento do Aquinate é essencialmente distinto do irracionalismo de uma ética de situação, como também do racionalismo de uma pura casuística²².

No entanto, mais do que um simples reconhecimento dos limites da lei ou do modo em que as normas morais chegam a contribuir na regulação da conduta humana, é importante evidenciar como a lei estimula o sujeito a desenvolver o discernimento racional que se encontra na base da virtude. Na realidade, o amoldamento incitado pela lei ajuda a criar uma disciplina nos afetos que permitirá ao sujeito endereçar ao bem conhecido as suas próprias inclinações (o que instiga a razão do indivíduo a desenvolver um discernimento prudencial que a torne capaz de fornecer, em cada situação, uma definição do bem moral apropriada àquela circunstância)²³.

17 “Finis vero cuiuslibet legis est ut homines efficiantur iusti et virtuosus” (TOMÁS, DE AQUINO, Santo, 1888-1903, I-II, q. 107, a. 2).

18 MELINA, L. The desire for Happiness and the Commandments in the First Chapter of Veritatis splendor. In: DINOIA, J. A.; CESSARIO, R. (a cura di). *Veritatis splendor and the renewal of moral theology*. Chicago: MTF, 1999, p. 143-160.

19 Sobre o nexo entre prudência e ciência moral, veja-se Lodovici (2010, p. 263).

20 NELSON, D. M. *The priority of prudence: virtue and natural law in Thomas Aquinas and the implications for modern ethics*. University Park: The Pennsylvania State University Press, 1992.

21 “Quella stessa natura che rende l'uomo capace di essere autore dei suoi atti è essa stessa il principio della regola morale ed il germe della vita virtuosa. Non vi è straneità tra il soggetto umano e la regola morale” (ABBÀ, 2004, p. 38).

22 KLUXEN, W. *L'etica filosofica di Tommaso d'Aquino*. Milano: Vita e Pensiero, 2005, p. 317.

23 Sobre esta função da lei para a gênese da virtude, veja-se ABBÀ (1983, p. 241-249).

3 EXPLORANDO A RELAÇÃO “PRUDÊNCIA E AMOR”

3.1 O HORIZONTE DO AMOR E DAS VIRTUDES

Percebe-se que a reflexão tomista sobre a teoria das virtudes encontra no elemento afetivo, mais especificamente na paixão do amor, o esteio constitutivo do agir moral, enquanto que efetivamente ordenado pela virtude da prudência.

Na realidade, não se compreende retamente o que afirma o Doutor Angélico sobre a virtude sem a luz do amor a partir do qual esta surge: “*Virtus dependet aliquantulum ab amore*”²⁴. Mas em que sentido pode-se falar de um vínculo? Se toda virtude tem algo a ver com o amor – *dependet aliquantulum* – então existe uma dependência das virtudes com relação ao amor, pelo menos “de certo modo” (*aliquantulum*)! E quais seriam as implicações desta expressão? Talvez este “certo modo” refira-se não apenas ao momento original de um encontro afetivo, mas também envolva o momento da vontade no interior da dinâmica do amor²⁵, que se orienta a uma comunhão real com um fim específico²⁶. No entanto, é compreendendo a totalidade da pessoa no coração do seu agir que se constata como “a virtude serve o amor”²⁷, no sentido de que as virtudes recheiam de racionalidade a afetividade, sem violentá-la, culminando a mesma a partir do seu interior.

Nota-se que na raiz da ação humana, uma vez integradas a primazia do amor e a capacidade cognoscitiva da virtude, há uma presença afetiva original que requer a dinâmica racional das virtudes, de modo que elas podem até ser classificadas como “estratégias do amor”²⁸.

24 TOMÁS, DE AQUINO, Santo, *Summa theologiae*. 1888-1903, I-II, q. 56, a. 3, ad 1.

25 Com efeito, São Tomás (1888-1903, I-II, q. 6, a. 4) indica que a virtude é interiormente coligada ao ato da vontade (numa dimensão intelectual-apetitiva).

26 SHERWIN, M. S. *By Knowledge and by love: charity and knowledge in the moral theology of St. Thomas Aquinas*. Washington: The Catholic University of America Press, 2005. p. 116.

27 “La virtude sirve al amor. [...] El amor se concreta, se encarna en la virtud. A través de ella se realiza el amor. Así, en último término, la virtud ilumina, dirige y perfecciona de modo concreto al amor, lo hace operativo y real” (GRANADA, 2005, p. 315).

28 WADELL, P. J. *The primacy of love: an introduction to the ethics of Thomas Aquinas*. New York: Paulist Press, 1992. p. 90.

3.2 A DINÂMICA DE UM AMOR INTELIGENTE

O que é o “amor”? Antes de tudo, constata-se que o amor consiste num evento que acontece na vida humana: trata-se da experiência radical de que cada ser humano, na sua totalidade, é aberto à realidade. A realidade concretamente se impõe no decurso vital do homem, no sentido de que a realidade das coisas o tocam, o transformam, o impulsionam a agir. Entretanto, toda experiência humana, por mais simples que seja, requer um determinado empenho da parte do sujeito, que concerne à busca do significado daquela experiência (o que pressupõe uma capacidade humana de dirigir-se ao “por quê” das coisas reais que o afetam, reconhecendo uma correspondência afetiva para com aquela realidade, então apreendida como um bem na raiz do seu ato de volição)²⁹.

Segundo São Tomás de Aquino, o amor é considerado a “paixão fundamental”³⁰, visto que na circularidade do seu movimento há uma realidade que imprime no indivíduo a sua forma (momento passivo), o que então provoca um movimento de reação (momento ativo), que delinea o *appetitus*. É a partir deste impacto que se configura o arquétipo do agir humano virtuoso, no qual os atos voluntários que envolvem uma escolha ou decisão são produzidos pela combinação do intelecto e do apetite, ordenados mutuamente na relação entre prudência e amor³¹.

Todavia, o pré-requisito que abre as portas à compreensão do amor como fonte de conhecimento, é justamente a condição originária do amor, que é princípio de todo movimento afetivo: tal dinâmica evidencia que o bem ao qual o amor tende, para poder atrair o sujeito moral, deve ser conhecido e, de

29 “[...] la esencia del acto de volición está, por un lado, en un primer momento, en aceptar entre las varias realidades una realidad, en tanto que realidad, como bien suyo. Y precisamente entonces, el hombre [...] depone en ella su propio y plenario bien, y esse acto de deponer su propio bien en la realidad, es justamente lo que llamamos el amor. En este sentido, el primer momento formal del acto de volición es el amor”. (ZUBIRI, 1992, p. 42).

30 Na realidade, o Aquinate (1888-1903, I-II, q. 26, a. 2) indica que o amor encontra-se na origem do desejo, determinando essencialmente o seu movimento (é a paixão que consiste na presença do amado no amante, engendrando uma dinâmica que tem como motor o próprio desejo, que aspira algo mais do que já lhe foi dado – o bem conveniente).

31 “For virtuous action, the appetite, and its dynamic motion, amor, need to be properly regulated by the reason, hence the need for right reason or prudence. The relationship between orexis and phronesis in Aristotle is comparable to that between amor and prudence in Thomas Aquinas. For reason to be correct, the appetite needs to be properly ordered” (WESTBERG, 1994, p. 246-247).

alguma maneira, antecipado numa correspondência experimentada. Assim, já que para o amor são inerentes ambos os pólos – o amante (sujeito do amor) e o amado (objeto captado como amável) – ele não se manifesta como um mero tipo de impulso, mas como uma originária *união afetiva*³².

No interior desta experiência dinâmica, que é sempre concreta e inserida num contexto histórico que gera algo de novo na vida da pessoa que age, este modo de “conhecer no amor” revela-se todo particular, pois implica a percepção de uma real conveniência com o amado. Isto significa que a reação afetiva que o *bonus conveniens* cria no homem atraindo-o a si não é nada cega! Ao contrário, sendo integrada na razão e orientada por essa, pode então dirigir-se ao conseguimento real daquilo que a seduziu³³. Por conseguinte, analisando o amor não tanto como um sentimento ou como uma disposição natural, mas antes de tudo como um evento que acontece na vida do sujeito moral, ilumina-se o elemento da experiência, da dimensão histórica da vida do homem que plasma a sua capacidade de discernir.

3.3 DIMENSÃO RELACIONAL DA PRUDÊNCIA

A elucidação do caráter dinâmico e histórico da vida moral, na qual o influxo das virtudes revela-se constitutivo, insere a verificação de que na origem da virtude, há sempre a presença de um dom – o afeto de um bem que atrai a uma plenitude de comunhão³⁴ – que certamente determina a configuração pessoal do homem prudente ao longo do seu decurso vital³⁵.

32 “[...] si tratta di una presenza intenzionale dell’amato nell’amante, che dà origine a una dinamica, in quanto scaturisce dall’attrazione che l’amato ha destato e continua a destare nell’amante. È proprio questo singolare aspetto dinamico che distingue il momento affettivo da una conoscenza dell’oggetto di tipo meramente speculativo” (MELINA, 2008, p. 105).

33 NORIEGA, J. “*Guiados por el Espíritu*”: el Espíritu Santo y el conocimiento moral en Tomás de Aquino. Roma: Mursia, 2000. p. 414.

34 “[...] l’uomo tende a unirsi agli altri nell’amore e nell’amicizia. È un desiderio primordiale, il germe naturale di ogni comunità e società. [...] questa inclinazione riceve la sua realizzazione prima nell’affetto familiare e poi si estende alle altre comunità” (PINCKAERS, 1992, p. 506).

35 “Che cosa è ciò che cerco con le mie azioni? [...] soprattutto e più propriamente, amare la persona, promuovere il suo bene, suscitare una reciprocità, una mutua collaborazione, una co-azione nella quale poter comunicarmi con gli altri e così costruire una comunione di persone dove ognuna raggiunge la sua pienezza di sussistenza. L’unione di tutti questi elementi prodotta dalla prudenza esplicita l’originalità di ogni azione. Da qui si capisce che la prudenza non costruisce le azioni nel vuoto, perché fa riferimento ai desideri, ai beni e alle persone in gioco” (NORIEGA, 2002, p. 201).

Percebe-se que o homem nasce incompleto e inadequado para o ato para o qual foi criado³⁶. É um ser necessitado, carente de um outro que o complete. Mas ao mesmo tempo em que é assim vulnerável e dependente³⁷, também se revela aberto e receptivo à realidade, dado que o encontro amoroso com o outro abarca uma promessa de plenitude³⁸. Desse modo, realiza-se um dinamismo gradual mediante escolhas livres concretas, que ocorrem em relação aos outros, na construção de uma história. É por isso que uma ética fundada nas virtudes valoriza a amizade e as pessoas com quem o sujeito moral se relaciona, como necessárias para que se ele seja virtuoso³⁹.

A vida moral aperfeiçoa-se na medida em que a pessoa humana cresce no tempo, por meio de uma paulatina educação, que seja capaz de cultivar as sementes das virtudes⁴⁰ que incrementam o florescimento de um agir excelente. Segundo o ambiente cultural (sendo as virtudes a expressão máxima da cultura)⁴¹ de um determinado contexto comunitário, eis como desponta a dimensão relacional da prudência, que sintetizando os elementos de memória⁴², capacidade de instrução e discernimento nas decisões, plasma as disposições do sujeito nas suas experiências concretas.

36 O homem é incapaz de descobrir a sua identidade desde a sua simples solidão; este drama somente vem iluminado desde ações que favoreçam relações que conformem uma comunhão de pessoas (GRYGIEL, 2002).

37 Neste sentido, a dimensão relacional das virtudes vem ao encontro da estrutural vulnerabilidade humana (MACINTYRE, 2001, p. 7).

38 “Because the virtues are anchored in love, and love is a passion, the more we grow in the virtues the more we realize how totally dependent we are on another’s love” (WADELL, 1992, p. 90).

39 Sendo um ser social, o homem virtuoso é ajudado pelos seus amigos na realização de ações virtuosas, podendo encontrar neles verdadeiros modelos, exemplos em quem inspirar-se, de modo que para o virtuoso o seu amigo é um alter ipse, que lhe permite conhecer-se melhor (sobretudo os seus próprios defeitos) (LODOVICI, 2009, p. 84).

40 “La rettitudine nell’amore è il fine dell’educazione morale in vista di un agire adeguato” (PESCI, 2010, p. 163).

41 “A cultura é aquilo pelo qual o homem enquanto homem se torna mais homem” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 98).

42 Nota-se como a memória pode conduzir-nos além de nós mesmos, permitindo-nos compreender o nosso “vir de alguém”, entrando numa temporalidade que se clarifica à luz de uma biografia do amor. Na verdade, se o início da minha história somente pode ser narrado por outros, efetivamente o tempo me abre aos demais, numa relação pessoal que enfrenta tanto o passado (o inesquecível) quanto o futuro (o inesperado). Deste modo, a história de cada pessoa é um processo positivo ou negativo que consiste na capacidade de receber e transmitir uma tradição, uma vida profundamente vivida, na qual o exercício da prudência não é ignorado (CHRÉTIEN, 2008, p. 123-148).

4 A PRUDÊNCIA NO REGIME DA “CARIDADE”

A temática do amor na raiz das virtudes permite uma iluminante abertura a uma integração teológica, que não se limita a um mero complemento, mas sim, faz brotar uma radical renovação e uma elevação da reflexão a um nível sobrenatural.

4.1 A CARIDADE COMO EVENTO DE GRAÇA SOBRENATURAL

O discurso sobre as virtudes, como princípios intrínsecos dos atos humanos, culmina na virtude da caridade, que vem definida por São Tomás como a “mãe e forma de todas as virtudes”⁴³. Antes de tudo, é importante ressoar ainda uma outra consideração do Aquinate concernente ao tema, na qual afirma-se que a caridade é “uma certa amizade do homem com Deus”⁴⁴ – o que implica um vínculo especial de comunicação de Deus que se doa pessoalmente ao homem, tornando-o partícipe da beatitude. Pois é neste sentido que a caridade é *forma* das virtudes, já que endereça a vida moral do homem ao seu fim último: a comunhão com Deus. Por outro lado, a caridade é considerada *mãe* das virtudes, porque ela concebe os atos das outras virtudes comandando-as na nova dinâmica da graça⁴⁵.

Vê-se que a caridade introduz toda uma nova racionalidade no agir humano, que exprime uma afetividade que prepara o sujeito moral, a fim de que seja capaz de acolher o dom divino inicial, que gratuitamente renova o seu organismo virtuoso. Contudo, o primado da caridade sobre as virtudes de forma alguma as torna inúteis: a mesma prudência, recebendo da caridade uma nova medida – determinada pela conaturalidade com Deus, seu fim último – tem agora a missão de ordenar racionalmente os atos das demais virtudes a este novo fim. Graças a esta conaturalidade, a prudência enquanto virtude infusa promove uma participação do homem no conhecimento de Deus⁴⁶.

43 “Caritas est mater omnium virtutum et radix, in quantum est omnium virtutum forma”(TOMÁS, DE AQUINO, Santo, 1888-1903, I-II, q. 62, a. 4).

44 “Caritas est, est quaedam amicitia hominis ad Deum” (Ibid., II-II, q. 23, a. 5).

45 PÉREZ-SOBA, J. J. *El amor: introducción a un misterio*. Madrid: BAC, 2011. p. 275-286.

46 “La ragione prudenziale non solo mi fa essere uomo, ma mi fa diventarlo sempre di più, mi rende sempre più immagine di Dio, invitandomi ad essere sempre più ragionevole. Se questo Dio si rivela e mi fa partecipare alla sua vita, la prudenza allora, interiormente trasformata da questa grazia infusa e messa in grado di dirigere l'uomo verso la vita eterna, riceve dall'oggetto divino le sue regole sovrane, di modo che coincidono ormai la visuale della fede e la condotta umana”(CHENU, 1989, p. 113).

4.2 “CONSELHO” – A EXPANSÃO DA PRUDÊNCIA COMO DOM DO ESPÍRITO SANTO

Os dons são como que “antenas” que permitem ao homem virtuoso receber docilmente as inspirações do Espírito Santo. Neste sentido, eles preenchem as insuficiências estruturais das virtudes humanas, o que abre o homem à moção do Espírito⁴⁷. E qual seria o meio mais adequado para mover uma criatura racional? Exatamente o conselho. Eis que São Tomás indica no “conselho” a correspondência à virtude da prudência – o qual predispõe a razão a ser regulada e movida diretamente pelo Espírito Santo, no discernimento do bem acerca das realidades singulares e contingentes⁴⁸. Entretanto, esta disponibilidade a acolher as sugestões do Espírito não nega o plano racional humano da prudência! Ao contrário, trata-se de um aperfeiçoamento que, respeitando a sua luz natural, assume-a e orienta-a na novidade da perspectiva sobrenatural⁴⁹.

Assim, conclui-se que o ensinamento tomista sobre a razão prática e o seu aperfeiçoamento na virtude da prudência, como integração dos princípios aristotélicos à densidade da teologia cristã, apresenta uma ampla panorâmica da pessoa humana, cujas ações virtuosas são aperfeiçoadas pela graça, mediante a participação do conhecimento e do amor de Deus⁵⁰. De todo modo, a vida virtuosa é chamada à participação na vida divina do Espírito Santo, onde se consolida o elo de ligação entre inteligência e vontade, entre prudência e caridade.

5 ENCAMINHAMENTO CONCLUSIVO

Encerrando esta pesquisa, conclui-se que os argumentos desenvolvidos favorecem uma compreensão do amor, que maneja a partir do interior do

47 “Dona spiritus sancti, quae faciunt nos bene sequentes instinctum ipsius, dicuntur contra huiusmodi defectus dari” (TOMÁS, DE AQUINO, Santo, 1888-1903, I-II, q. 68, a. 2).

48 “Donum consilii respondet prudentiae, sicut ipsam adiuvans et perficiens” (Ibid., II-II, q. 52, a. 2).

49 MELINA, L. *Cristo e il dinamismo dell'agire: linee di rinnovamento della teologia morale fondamentale*. Roma: PUL-Mursia, 2001. p. 67.

50 WESTBERG, D. *Right practical reason*. Aristotle, action and prudence in Aquinas. Oxford: Clarendon Press, 1994. p. 260.

sujeito moral o seu agir, iluminando a razão acerca do bem da pessoa e desenvolvendo uma conaturalidade virtuosa por meio da prudência.

Após as considerações efetuadas, percebe-se que a experiência moral não pode ser compreendida sem uma integração do dinamismo do agir e do amor. Constata-se ainda uma intrínseca racionalidade que emerge do agir a partir da intencionalidade que coliga a pessoa à ação⁵¹. Pois assim, o elemento intencional da afetividade integrada torna-se uma autêntica luz para a prudência. Trata-se do conhecimento por conaturalidade, que é próprio das virtudes, porque permite por meio da prudência discernir melhor a atração do verdadeiro bem, e ao sujeito ajuda a encontrar o modo de realizar a ação excelente.

5.1 DIANTE DESTAS AFIRMAÇÕES, PODE-SE ANGARIAR AS SEGUINTE CONCLUSÕES:

Além do que já foi expresso ao longo da explanação, vê-se que a prudência afirma-se como a razão mesma, aperfeiçoada no seu juízo e nas suas escolhas, graças a uma disposição estável que plasma um discernimento concreto que conduz à verdade com relação ao fim último, na variedade das ações.

Constata-se, outrossim, que no dinamismo do agir humano a dimensão afetiva e a cognoscitiva estão intimamente entrelaçadas. O afeto antecipa e dilata a razão, a qual por sua vez, abre-se ao horizonte do amor. A ação, empenhando a pessoa na verdade, dilata a capacidade de discernir, porque cria mediante as virtudes morais, uma conaturalidade nova com o bem. Desse modo, o conhecimento da verdade moral escapa do intelectualismo, e é colocado no centro do agir, das relações e dos afetos.

Confirma-se, ainda, que o conhecimento moral não culmina no conhecimento de uma lei, nem mesmo nas regras que efetuam a aplicação desta lei. Ao contrário, é a virtude da prudência que, aperfeiçoando a razão prática, interioriza e personaliza a lei. Porém, ela necessita da ajuda das virtudes morais, que oferecem uma luz

51 Com relação a este caráter intencional do agir, averiguar o denso livro da filósofa analítica Anscombe (2000), que procura responder ao “What?” à luz do “Why?”.

interior (a lei natural) a respeito do bem, numa conaturalidade virtuosa. Assim, o amor cria a conaturalidade afetiva que é luz para o discernimento prudencial.

No entanto, tratando ainda o tema da prudência no horizonte do amor e das virtudes, verifica-se que o amor é um evento que acontece na existência do homem, que o enriquece e o transforma, tornando-o capaz de enxergar algo de novo. Definitivamente, quem não ama talvez não conheça verdadeiramente⁵² (pois acaba enxergando de modo parcial) – já que falta algo que é decisivo na sua existência: a plenitude da sua realização, o sentido completo do destino de uma vida. Sem o amor, o conhecimento carece do dom que ilumina e determina a sua realização, o que resulta numa dificuldade em entender, em querer e até em guiar-se rumo à sua plenitude. Eis porque na ação virtuosa, a razão vem sempre enxertada nas disposições afetivas, num “conhecer com o coração” – como sugeria o Pequeno Príncipe contra os homens deste mundo que não encontram o que procuram porque estão cegos, já que não buscam com o coração⁵³ – aberto à verdade.

Portanto, dado que toda esta exposição tenta ajudar a compreender o que está na raiz das virtudes, de modo que a interdependência entre prudência e amor se torna patente, chega-se ao fim desta pesquisa com a apresentação de um traço da prudência cristã, superior à prudência humana⁵⁴, sendo compreendida como uma expansão da caridade. Nota-se a abertura teológica no que se refere ao dinamismo prático da caridade no interior da dimensão pneumatológica: o Espírito Santo age interiormente na razão humana, não somente como luz do intelecto, mas também como um afeto novo. Assim, pode-se dizer que a caridade cria uma conaturalidade nova, que é luz e amor.

52 “Não se encontra a verdade se não a amamos; não se conhece a verdade se não queremos conhece-la”(JOÃO PAULO II, Papa, 1983).

53 “‘The men where you live’, said the little prince, ‘grow five thousand roses in the same garden... and they do not find what they are looking for...’. ‘They do not find it’, I replied. ‘And yet, what they are looking for could be found in a single rose or in a little water’. ‘Yes, indeed’, I replied. And the little prince added: ‘But the eyes are blind. One must look with the heart’”(SAINT-EXUPÉRY, 1995, p. 93).

54 Muito sugestiva a alusão de Orígenes (2005, p. 1257-127).

Enfim, admite-se quanto o tratado sobre a prudência e a dinâmica do amor sejam decisivos para uma reta compreensão da moral cristã. E neste nível de densidade teológica, confirma-se como é realmente fascinante haver a oportunidade de um encontro pessoal com o vigor convincente e sempre vivo da doutrina de São Tomás, que não por acaso é tão influente em autores de tantas épocas.

6 BIBLIOGRAFIA

ABBÀ, G. *Lex et virtus: Studi sull'evoluzione della dottrina morale di San Tommaso d'Aquino*. Roma: LAS, 1983.

_____. Il soggetto morale nell'etica tomista ed in alcune etiche contemporanee. *Angelicum*, Roma, n. 81, 2004. p. 35-50.

ANSCOMBE, G. E. M. *Intention*. 2. ed. London: Harvard University Press, 2000.

ARISTOTELES. *Ethica Nicomachea*. Lipsiae: Teubner, 1912.

CHENU, M.-D. *San Tommaso d'Aquino e la teologia*. Torino: Piero Gribaudi, 1989.

CHRÉTIEN, J.-L. *L'indimenticabile e l'insperabile*. Assisi: Cittadella, 2008.

D'AVENIA, M. *La conoscenza per connaturalità in S. Tommaso d'Aquino*. Bologna: Studio Domenicano, 1992.

GRANADA, D. Amor y virtud: notas sobre la naturaleza afectiva de la virtud. In: MELINA, L.; GRANADA, D. (a cura di). *Limiti alla responsabilità? amore e giustizia*. Roma: Lateran University Press, 2005. p. 305-316.

GRYGIEL, S. *Extra communionem personarum nulla Philosophia*. Roma: Lateran University Press, 2002.

GUIMARÃES ROSA, J. *Grande Sertão: Veredas*. 33. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JOÃO PAULO II, Papa. *Memória e identidade: Colóquios na transição do milênio*. Rio de Janeiro: Obietiva, 2005.

KLUXEN, W. *L'etica filosofica di Tommaso d'Aquino*. Milano: Vita e Pensiero, 2005.

LODOVICI, G. S. *Il ritorno delle virtù: temi salienti della virtute ethics*. Milano: Studio Domenicano, 2009.

_____. *L'emozione del bene: alcune ide sulla virtù*. Milano: Vita e Pensiero, 2010.

MACINTYRE, A. *Animali razionali dipendenti: perché gli uomini hanno bisogno delle virtù*. Milano: Vita e Pensiero, 2001.

MELINA, L. *Cristo e il dinamismo dell'agire: linee di rinnovamento della teologia morale fondamentale*. Roma: PUL-Mursia, 2001.

_____. The desire for happiness and the commandments in the first chapter of *Veritatis Splendor*. In: DÍNOIA, J. A.; CESSARIO, R. (a cura di). *Veritatis splendor and the renewal of moral theology*. Chicago: MTF, 1999. p. 143-160.

_____. La prudenza secondo Tommaso d'Aquino. *Aquinas*, Roma, n. 49, 2006. p. 381-393.

_____. *Azione: epifania dell'amore. La morale cristiana oltre il moralismo e l'antimoralismo*. Siena: Cantagalli, 2008.

MELINA, L.; NORIEGA, J.; PÉREZ-SOBA, J. J. *Camminare nella luce dell'amore: I fondamenti della morale cristiana*. Siena: Cantagalli, 2008.

NASCIMENTO, C. A. R. A prudência segundo Santo Tomás de Aquino. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 20, 1993. p. 365-383.

NELSON, D. M. *The priority of prudence: virtue and natural law in thomas Aquinas and the implications for modern ethics*. University Park: The Pennsylvania State University Press, 1992.

NORIEGA, J. Lo Spirito Santo e l'azione umana. In: MELINA, L.; NORIEGA, J. (a cura di). *Domanda sul bene e domanda su Dio*, Roma: Mursia, 1999. p. 233-247.

_____. “*Guiados por el Espíritu*”: el Espíritu Santo y el conocimiento moral en Tomás de Aquino. Roma: Mursia, 2000.

_____. La reciprocità nella dinamica comunicativa del bene. In: MELINA, L.; PÉREZ-SOBA, J. J. (a cura di). *Il bene e la persona nell'agire*. Roma: Lateran University Press, 2002. p. 185-201.

ORIGENE. *Omèlie sull'Esodo*. edizione greco/latino-italiana. Roma: Città Nuova, 2005.

PÉREZ-SOBA, J. J. *La verità dell'amore: una luce per camminare: esperienza, metafisica e fondamento della morale*. Siena: Cantagalli, 2011.

_____. *El amor: introducción a um mistério*. Madrid: BAC, 2011.

PE. JOÃO BAPTISTA MEZZALIRA

PÉREZ-SOBA, J. J.; L. GRANADOS (a cura di). *Il logos dell'agape: amore e ragione come principi dell'agire*. Siena: Cantagalli, 2008.

PESCI, F. *Desideri, beni, virtù, felicità: la teoria mimetica di René Girard e l'educazione contemporanea*. Roma: Lithos, 2010.

PIEPER, J. *Virtudes fundamentales*. Lisboa: Aster, 1960.

PINCKAERS, S. *Le fonti della morale cristiana: metodo, contenuto, storia*. Milano: Ares, 1992.

RAMÍREZ, S. M. *La prudencia*. Madrid: Palabra, 1975.

_____. *Summa theologiae*. In: *Opera omnia IV-XI*, ed. Leonina. Romae: Typographia Polyglotta S. C. de Propaganda Fide, 1888-1903.

SAINT-EXUPÉRY, A. *The little prince*. Hertfordshire: Wordsworth, 1995.

SHERWIN, M. S. *By Knowledge and by Love. Charity and Knowledge in the moral theology of St. Thomas Aquinas*. Washington: The Catholic University of America Press, 2005.

TOMÁS, DE AQUINO, Santo. *Quaestio disputata de Veritate*. Bologna: Studio Domenicano, 1992.

WADELL, P. J. *The primacy of love: an introduction to the ethics of Thomas Aquinas*. New York: Paulist Press, 1992.

WESTBERG, D. *Right practical reason: Aristotle, action and prudence in Aquinas*. Oxford: Clarendon Press, 1994.

ZUBIRI, X. *Sobre el sentimiento y la volición*. Madrid: Alianza Editorial, 1992.